

REFLEXÕES SOBRE A TEMATIZAÇÃO DAS LUTAS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

REFLECTIONS ON THE THEMATIZATION OF INDIGENOUS STRUGGLES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: A SYSTEMATIC REVIEW

REFLEXIONES SOBRE LA TEMATIZACIÓN DE LAS LUCHAS INDÍGENAS EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA

George Almeida Lima

<https://orcid.org/0000-0003-0899-0427> 

<http://lattes.cnpq.br/1176000931229395> 

Universidade Federal do Vale do São Francisco (Petrolina, PE – Brasil)

george_almeida.lima@hotmail.com

Flávio Py Mariante Neto

<https://orcid.org/0000-0002-3240-9914> 

<http://lattes.cnpq.br/4278239673849594> 

Universidade Luterana do Brasil (Canoas, RS – Brasil)

flaviomariante@hotmail.com

Luiz Gustavo Bonatto Rufino

<https://orcid.org/0000-0003-2567-9104> 

<http://lattes.cnpq.br/3487007919923228> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)

rufinolg@unicamp.br

Resumo

Este estudo tem como objetivo refletir sobre a tematização das lutas indígenas na Educação Física escolar. Enquanto recurso metodológico, foi adotada a revisão sistemática da literatura. A coleta de dados aconteceu por meio das bases: Scielo, Lilacs, Portal de Periódicos da Capes e Google Scholar, por meio da utilização dos seguintes descritores: “Lutas indígenas” AND “Educação Física” e “Práticas de combate indígenas” AND “Educação Física”. Foram encontrados um total de 192 artigos, que após o processo de triagem, foram incluídos nove artigos. As lutas indígenas ainda são uma temática com pouca presença nas aulas de Educação Física. Embora o currículo da Educação Física seja alvo de debates e reflexões ligadas a busca pela decolonização das práticas corporais, aspectos como déficits na formação docente, poucas discussões sobre as culturas indígenas na Educação Física e a não vivência prática das lutas indígenas na formação inicial e continuada, se apresentam como os principais desafios a serem superados.

Palavras-chave: Lutas; Práticas Corporais Indígenas; Educação Física; Culturas Indígenas; Currículo.

Abstract

This study aims to reflect on the thematization of indigenous struggles in school physical education. A systematic literature review was adopted as a methodological resource. Data collection was carried out through the following databases: Scielo, Lilacs, Capes Periodicals Portal and Google Scholar, using the following descriptors: “Indigenous struggles” AND “Physical Education” and “Indigenous combat practices” AND “Physical Education”. A total of 192 articles were found, of which nine articles were included after the screening process. Indigenous struggles are still a topic with little presence in physical education classes. Although the physical education curriculum is the target of debates and reflections linked to the search for the decolonization of bodily practices, aspects such as deficits in



teacher training, such as few discussions about indigenous cultures and the lack of experience of indigenous struggles, present themselves as the main challenges to be overcome.

Keywords: Struggles; Indigenous Body Practices; Physical Education; Indigenous Cultures; Curriculum.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la temática de las luchas indígenas en la educación física escolar. Como recurso metodológico se adoptó una revisión sistemática de la literatura. La recolección de datos se realizó a través de las siguientes bases de datos: Scielo, Lilacs, Portal Periódico Capes y Google Scholar, utilizando los siguientes descriptores: Luchas indígenas" Y "Educación Física" y "Prácticas de combate indígenas" Y "Educación Física". Se encontraron un total de 192 artículos y luego del proceso de selección se incluyeron nueve artículos. Las luchas indígenas siguen siendo un tema con poca presencia en las clases de educación física. Si bien el currículo de educación física es objeto de debates y reflexiones vinculadas a la búsqueda de la descolonización de las prácticas corporales, aspectos como déficits en la formación docente, así como pocas discusiones sobre las culturas indígenas y la falta de experiencia de las luchas indígenas, se presentan como los principales retos a superar.

Palabras clave: Peleas; Prácticas Corporales Indígenas; Educación física; Culturas Indígenas; Plan de Estudios.

INTRODUÇÃO

As lutas, práticas corporais historicamente conectadas à cultura da humanidade, são objeto de ensino da Educação Física escolar, em que devem ser tematizadas na educação básica. Documentos curriculares como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017) buscam assegurar a vivência dessas práticas na Educação Física ao apresentá-las como objetos de conhecimento para a educação básica brasileira (Rufino, 2022). Dentre as lutas a serem tematizadas, pode-se encontrar uma ampla variedade, tais como: "lutas presentes no contexto comunitário e regional, podem ser tratadas lutas brasileiras (capoeira, huka-huka, luta marajoara etc.), bem como lutas de diversos países do mundo (judô, aikido, jiu-jítsu, muay thai, boxe, chinês boxing, esgrima, kendo etc.)" (Brasil, 2017, p. 218).

A partir do exposto, surge uma disputa de poder que envolve o processo de escolha de quais práticas serão selecionadas pra atender aos objetivos dos currículos educacionais, suscitando na seleção de práticas específicas para serem vivenciadas na Educação Física escolar. Outro aspecto que pode impactar na seleção das práticas a serem tematizadas na escola pode estar ligado à familiaridade docente com determinada prática específica, uma vez que os saberes experienciais, adquiridos a partir da própria vivência experiencial, impactam na seleção dos conteúdos. Nesse sentido, a construção de saberes na Educação Física também está interligada ao corpo, constituindo o processo de aprender em movimento (Matos *et al.*, 2015; Teles *et al.*, 2024).

Nesta seara, destacamos que a lei nº 11.645/08 (Brasil, 2008) incluiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na educação básica brasileira. Considerando esse contexto, as lutas indígenas se apresentam como práticas



corporais a serem tematizadas nas aulas de Educação Física. O ensino das lutas na Educação Física escolar, de modo geral, é um tema complexo, abrangente e subjetivo, que envolve diversos contextos, como os aspectos políticos, sociais e econômicos, gerando relações de poder no currículo escolar (Mariante Neto; Lima; Vasques, 2024). Diante dessa complexidade, modalidades com maiores processos de mediação, tais como judô, jiu-jitsu, MMA, boxe, etc., tendem a ser mais valorizadas do que práticas corporais com menor poder mediático (Rufino, 2016). Dessa forma, existem lacunas sobre as possibilidades de tematização de práticas corporais com menor impacto mediático, como as lutas indígenas, as quais requerem maiores investigações de estudos e pesquisas no campo da Educação Física e ciências do esporte.

Por conseguinte, este trabalho tomará as lutas indígenas como objeto de estudo, uma vez que surge a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre a tematização dessas práticas, com vistas a compreender suas possibilidades para o desenvolvimento nas aulas de Educação Física, considerando aspectos ligados à formação docente, aos preconceitos presentes na sociedade em relação a essa temática e aos seus processos de ensino e aprendizagem.

Mesmo com a promulgação da supracitada lei nº 11.645/08, o desenvolvimento de discussões sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena são incipientes e possuem tensionamentos que impactam negativamente na efetivação dessas discussões na escola, especificamente sobre as lutas indígenas, que possuem lacunas ainda não preenchidas (Pereira; Souza, 2021). Nesse sentido, este trabalho busca apresentar discussões e reflexões que sirvam como subsídios para o desenvolvimento de novos olhares e a construção de recursos teórico-metodológicos de ensino que consideram as culturas indígenas na Educação Física. A partir do exposto, este estudo tem como objetivo, por meio de um estudo de revisão de literatura do tipo estado da arte, refletir sobre a tematização das lutas indígenas na Educação Física escolar.

DECISÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Este estudo tem um caráter qualitativo e descritivo, utilizando a revisão sistemática como abordagem metodológica. Segundo Sampaio e Mancini (2007), essa metodologia permite a síntese dos estudos disponíveis na literatura atual, favorecendo o desenvolvimento de novas discussões e percepções sobre fenômenos específicos. De acordo com os autores, o processo de elaboração de uma revisão sistemática envolve as seguintes etapas: (i) definição da questão central, que foi: como as discussões sobre as lutas indígenas estão dispostas na





literatura?; (ii) busca por evidências científicas, no qual foram utilizadas as bases SciELO, Lilacs, Portal de Periódicos da Capes e Google Scholar; (iii) revisão e seleção do conteúdo, que aconteceu por meio da análise temática; (iv) análise da qualidade metodológica dos estudos identificados, em que foram incluídos estudos originais e estudos de revisão sistemática ou integrativa e (v) apresentação dos resultados.

Embora o presente estudo adote a revisão sistemática como recurso metodológico, é importante esclarecer que também buscamos realizar um estado da arte ao apresentar e discutir dados relacionados à quantidade de artigos publicados, metodologias empregadas, periódicos, autores e autoras, além das principais discussões dos artigos analisados. Cruz e Ferreira (2023) afirmam que a integração entre revisão sistemática e estado da arte amplia o mapeamento dos dados encontrados, contribuindo para o desenvolvimento de novas discussões e percepções sobre os fenômenos em análise.

Para a coleta de dados, foram utilizadas as seguintes bases: SciELO, Lilacs, Google Scholar e Portal de Periódicos da Capes, mediante os descritores "Lutas indígenas" AND "Educação Física" e "Práticas de combate indígenas" AND "Educação Física". A escolha dessas bases é justificada pela sua capacidade de reunir trabalhos com maior rigor científico, além de conter textos com foco no contexto brasileiro. A coleta de dados ocorreu entre novembro e dezembro de 2024, sem a aplicação de um recorte temporal. As informações referentes à coleta de dados estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Processo de coleta de dados

Descritor	SciELO	Lilacs	Portal de Periódicos da Capes	Google Scholar	Total
"Lutas indígenas" AND "Educação Física"	0	0	07	184	191
"Práticas de combate indígenas" AND "Educação Física"	0	0	01	0	01
Total	0	0	08	184	192

Fonte: Construção dos autores.

Para a seleção dos artigos, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: (i) artigos que tenham como objeto de análise, as lutas indígenas na Educação Física escolar; (ii) artigos revisados por pares e (iii) artigos com dados empíricos e/ou revisões sistemáticas ou integrativas. Foram critérios de exclusão: Trabalhos de conclusão de curso e trabalhos

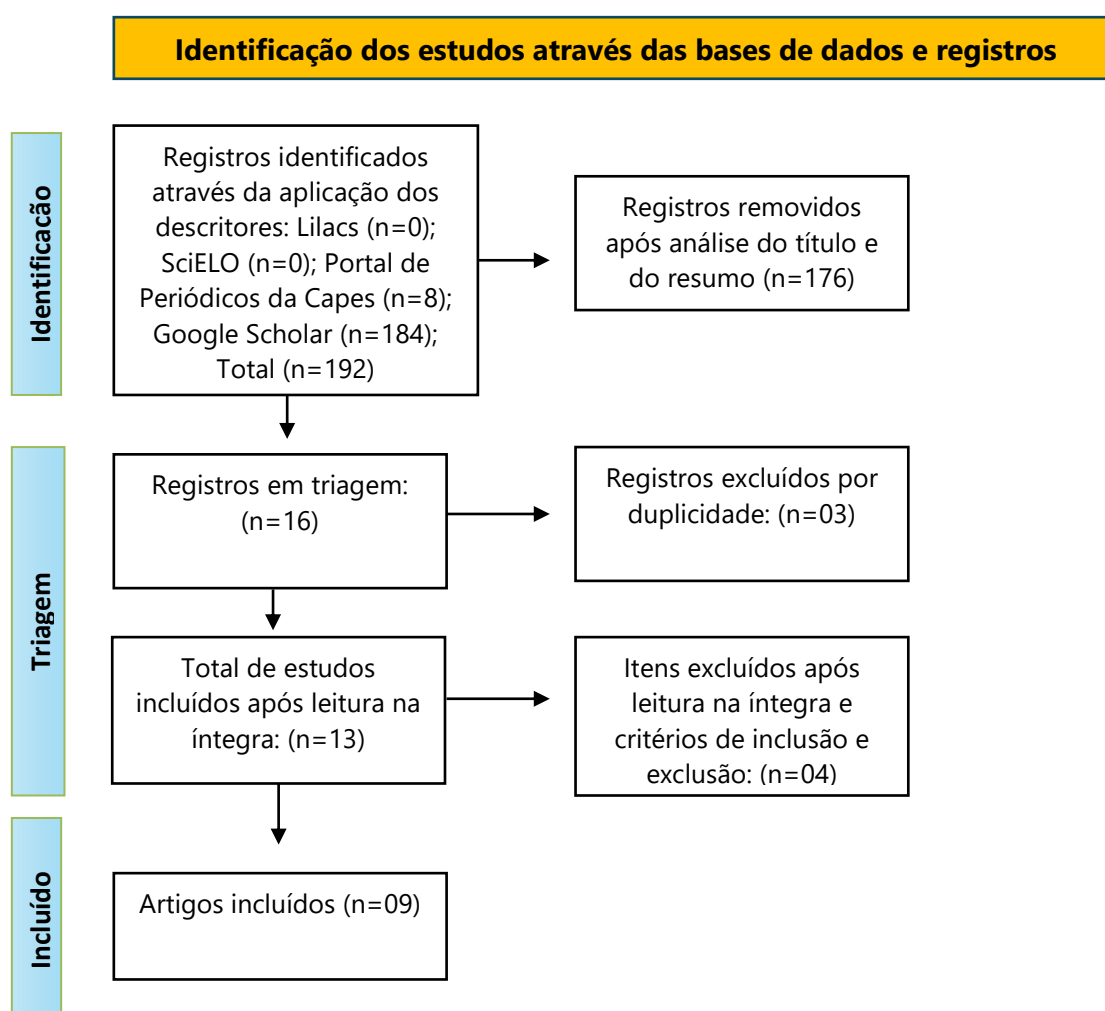




publicados em anais de eventos; (ii) artigos que não tratavam deste objeto de pesquisa e (iii) ensaios teóricos.

O primeiro processo de coleta consistiu na análise dos títulos e resumos dos artigos, que deveriam apresentar elementos relacionados aos processos de ensino, vivência e discussões sobre as lutas indígenas na Educação Física. O segundo processo consistiu na análise de artigos duplicados. A terceira etapa consistiu na leitura dos textos na íntegra, em que foi analisada a seção da metodologia, e a adequação do texto ao objetivo proposto neste trabalho. A figura 1 apresenta informações sobre o processo de coleta e triagem dos dados.

Figura 1 – Coleta e triagem dos dados



Fonte: Adaptado do PRISMA (2024).

Os artigos encontrados foram organizados em uma planilha no *Microsoft Excel*, em que foram examinados por meio da análise temática. De acordo com Braun e Clarke (2006),



essa abordagem permite a interpretação dos dados com base na identificação de temas dentro de conjuntos textuais. O desenvolvimento desse processo envolve as seguintes etapas: (i) familiarização com os dados; (ii) geração de códigos iniciais; (iii) busca por temas; (iv) revisão dos temas; (v) definição e nomeação dos temas; e (vi) elaboração do relatório final. Após a análise dos dados, eles foram dispostos em duas categorias: Estratégias para o ensino das lutas indígenas e presença das lutas indígenas na escola.

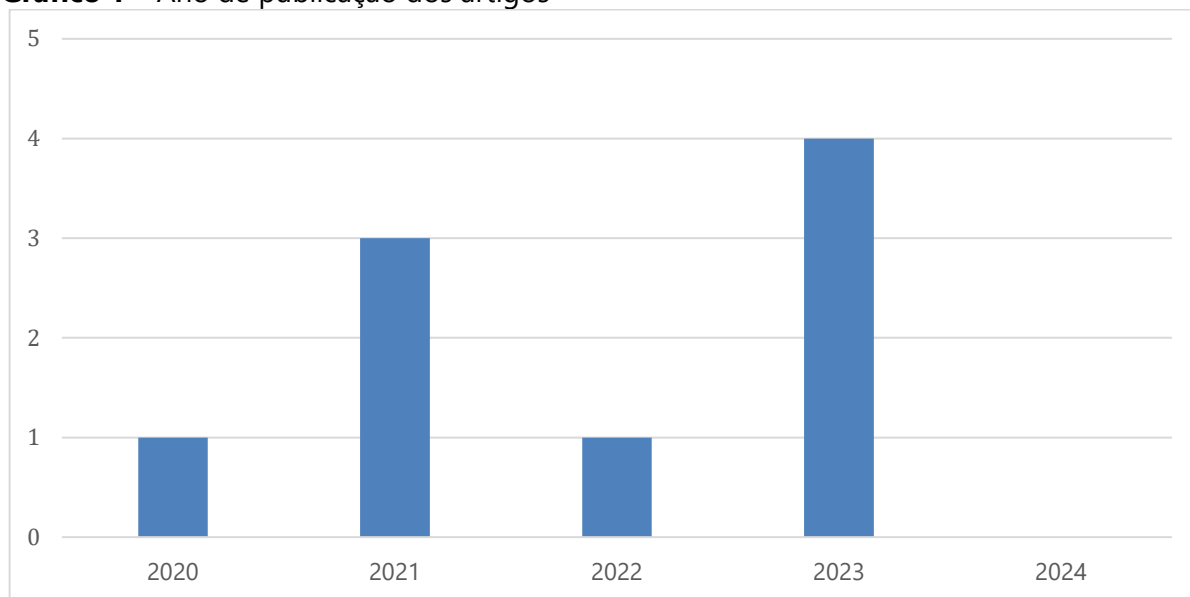
Nesse contexto, o processo analítico adotou o método indutivo, que parte de aspectos específicos para alcançar percepções gerais sobre temas determinados. As categorias foram desenvolvidas de forma posterior, ou seja, surgiram diretamente da própria coleta de dados (Gil, 2008). A seleção e revisão dos artigos foram realizadas por três pesquisadores, responsáveis por determinar se os artigos encontrados atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. Esse procedimento está em conformidade com as orientações de Sampaio e Mancini (2007), no que diz respeito à elaboração de revisões sistemáticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta os resultados encontrados a partir do processo de coleta de dados. Foram analisados os seguintes dados: ano de publicação dos artigos, que objetiva compreender o período de publicação dos trabalhos ligados às lutas indígenas na Educação Física. Os recursos metodológicos aplicados nos estudos também foram investigados, a fim de compreender os recursos metodológicos empregados nesses artigos. A autoria dos artigos também foi explorada, para que se possa visualizar quais autores e autoras estão trabalhando com essa temática. O vínculo institucional da autoria também foi objeto de reflexão, a fim de compreender quais instituições e regiões brasileiras estão desenvolvendo pesquisas sobre as lutas indígenas na Educação Física. Também foram averiguadas as revistas em que os artigos foram publicados, para que se possa compreender em quais áreas os estudos estão sendo publicados.

Após esse primeiro processo de análise geral dos artigos, foi realizado um estudo do objeto de estudo de cada artigo e suas principais discussões. Esse procedimento busca apresentar o que está sendo discutido sobre a temática em questão, apresentando subsídios para reflexões e inferências sobre as nuances que envolvem a tematização das lutas indígenas nas aulas de Educação Física. O gráfico 1 apresenta o ano de publicação dos artigos encontrados.



**Gráfico 1** – Ano de publicação dos artigos

Fonte: construção dos autores

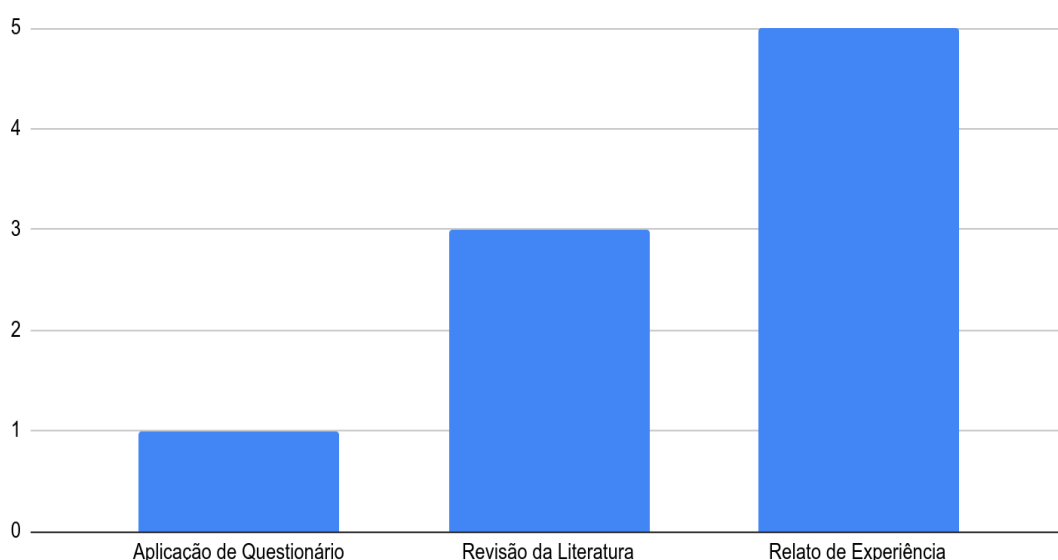
Podemos perceber que a produção de artigos ligados à tematização das lutas indígenas nas aulas de Educação Física é um fenômeno recente, iniciando-se a partir do ano de 2020. Essa produção cessou no ano de 2023, com quatro artigos publicados. No ano de 2024, nenhum artigo foi encontrado, o que amplia nossos questionamentos sobre essa produção, que não apresenta, até o momento, uma construção sólida e robusta em termos de publicações. Desde o ano de 2020 até o presente momento, há uma média de 1,8 artigos publicados por ano. Dessa forma, o número de artigos produzidos é incipiente, o que pode contribuir para o desenvolvimento de reflexões superficiais sobre a temática.

As produções sobre as lutas indígenas na Educação Física podem ter sido impactadas pela construção da BNCC (Brasil, 2017), que apresenta as práticas corporais a serem tematizadas nas aulas de Educação Física, destacando práticas corporais ligadas às lutas indígenas. Com reforço, destacamos a seguinte passagem: “além das lutas presentes no contexto comunitário e regional, podem ser tratadas lutas brasileiras (capoeira, **huka-huka**, luta marajoara etc.)” (Brasil, 2017, p. 218, grifo nosso). Dentre as práticas de lutas apresentadas pela BNCC, destaca-se, especificamente, uma luta corporal indígena, a Huka-Huka. A BNCC também apresenta as lutas de matriz indígenas enquanto objeto de conhecimento a ser tematizado do 3º ao 5º anos dos anos iniciais do ensino fundamental e as lutas do Brasil no 6º e 7º ano dos anos finais do ensino fundamental.



Embora a BNCC (Brasil, 2017) possa ter sido um elemento que impactou positivamente na visibilidade das lutas indígenas na Educação Física, Lima e Millen Neto (2023) destacam que o documento não apresenta referenciais bibliográficos para apoiar os professores e professoras em sua prática pedagógica, limitando-se a determinar, de forma obrigatória, que essa prática deve integrar a educação básica, enquanto delega ao professor a responsabilidade pela busca de referenciais teóricos. À vista disso, destacamos que mais estudos devem ser desenvolvidos, a fim de que as discussões sobre esse fenômeno possam ser ampliadas. O gráfico 2 apresenta os recursos metodológicos utilizados nos artigos.

Gráfico 2 – Recursos metodológicos utilizados



Fonte: Construção dos autores.

Podemos perceber que não há uma grande variedade de recursos metodológicos utilizados na construção dos artigos encontrados, centrando-se em três formas específicas: a aplicação de questionário, estudos de revisão de literatura e relatos de experiência. Destacamos que apenas um estudo (Pereira; Souza, 2021) utilizou dados empíricos coletados a partir da aplicação de questionários. Três artigos utilizaram-se de revisões da literatura para o desenvolvimento das discussões. A maioria dos artigos (5) utilizou relatos de experiência para discutir sobre as nuances que envolvem a tematização das lutas indígenas nas aulas de Educação Física.

A centralidade em apenas três recursos metodológicos diminui o aprofundamento de discussões ligadas ao tema em análise, uma vez que olhar para as lutas indígenas por óticas

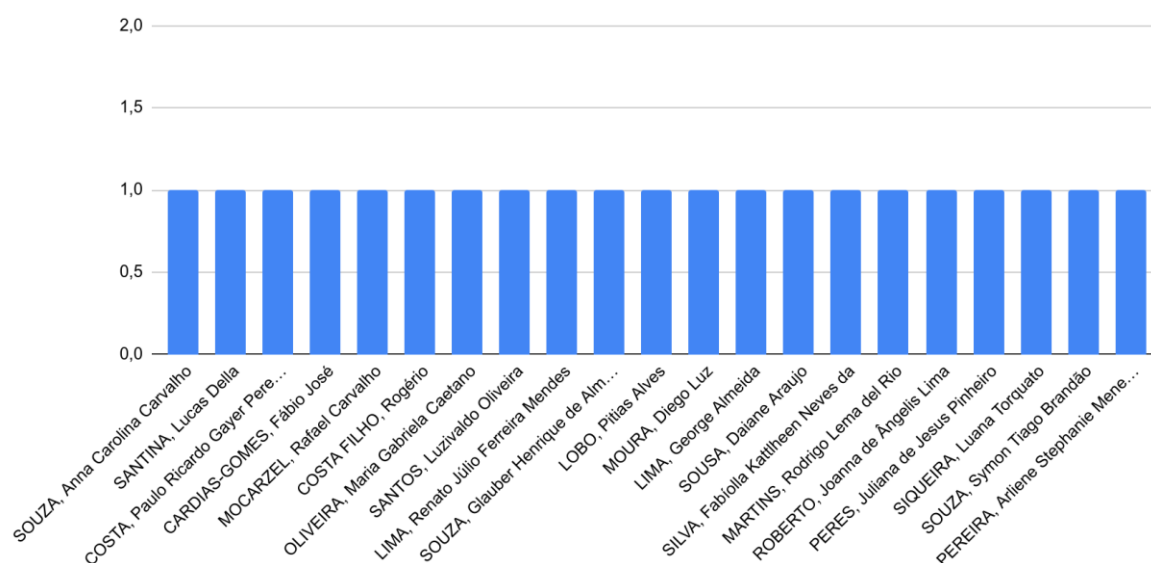




específicas pode limitar seu potencial discursivo. Embora os relatos de experiência sejam uma ferramenta que utiliza a prática como meio para expor, de forma crítica, vivências e/ou intervenções de caráter científico e/ou profissional (Mussi; Flores; Almeida, 2021), eles podem apresentar fragilidades específicas, como a falta de rigor metodológico, poucos referenciais teóricos e um possível viés da autoria (Daltro; Faria, 2019).

Embora reconheçamos a importância desses recursos metodológicos para as discussões sobre as lutas indígenas na Educação Física, uma vez que as produções acadêmicas sobre esse fenômeno são incipientes, ressaltamos a importância da aplicação de outros métodos, como etnografias, pesquisas colaborativas, grupos focais e demais estratégias capazes de captar as nuances que envolvem a tematização das lutas indígenas nas aulas de Educação Física. A diversidade de abordagens pode enriquecer os métodos de coleta de dados, ampliando as perspectivas para o desenvolvimento de discussões e reflexões sob diferentes pontos de vista. O gráfico 3 apresenta a autoria dos artigos.

Gráfico 3 – Autoria dos artigos



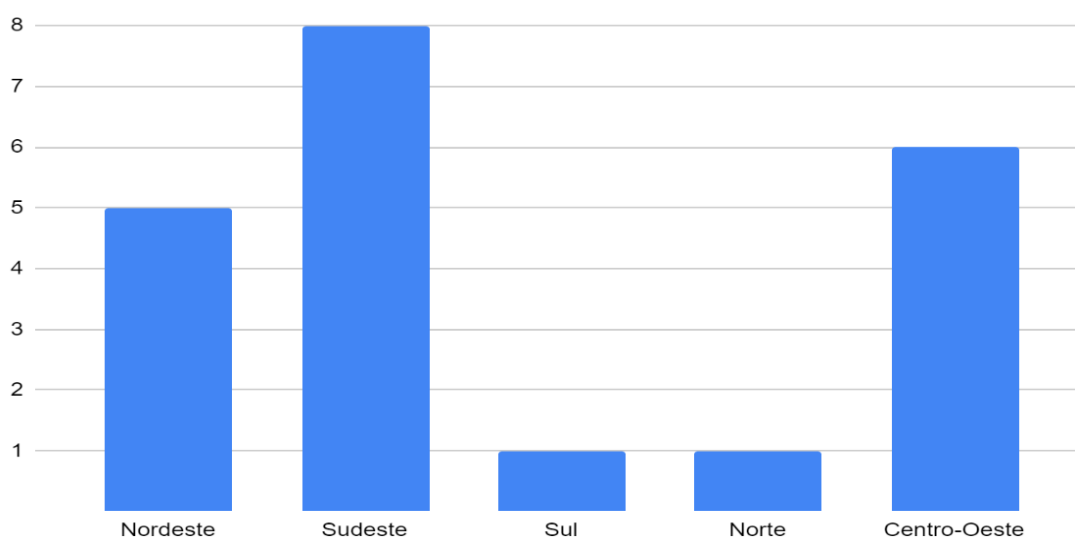
Fonte: Construção dos autores.

Destaca-se que 21 autores e autoras estiveram presentes nos nove artigos produzidos, mas não há uma centralidade de autoria nas produções, cada autor e autora participou de apenas um artigo, fato que demonstra que esses autores e autoras não tomam as lutas indígenas como centralidade de suas produções. Por um lado, essa pluralidade de autores e autoras produzindo textos sobre as lutas indígenas pode contribuir para a expansão



da temática, apresentando distintas óticas sobre o fenômeno em tela. Destarte, ao não tomarem as lutas indígenas como objeto central das produções, pode surgir uma carência de autores e autoras que possuam uma ampla produção sobre a temática. Dessa forma, estimulamos que a autoria possa ampliar suas produções sobre o fenômeno em tela. O gráfico 4 apresenta a região de vínculo da autoria.

Gráfico 4 – Região de vínculo da autoria



Fonte: construção da autoria (2024).

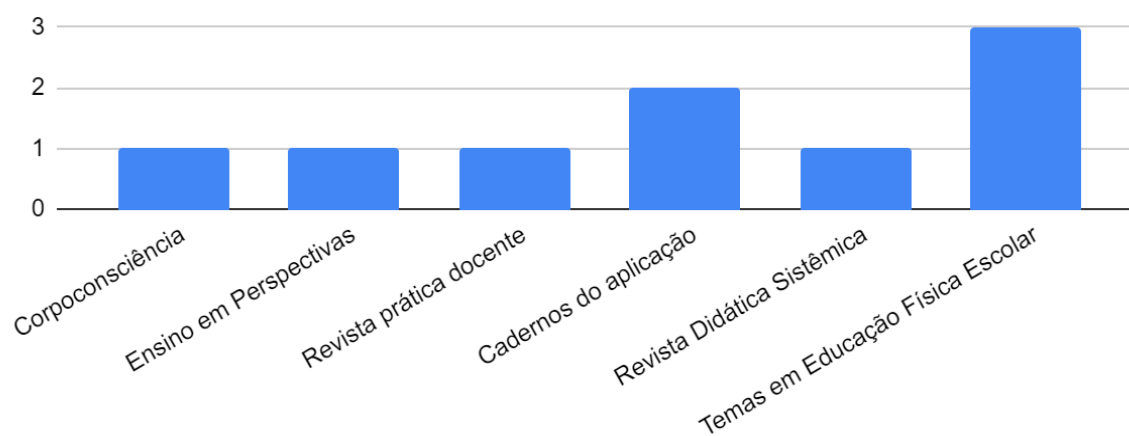
Os autores e autoras que produziram os estudos sobre as lutas indígenas na Educação Física estão vinculados a nove instituições de ensino de distintas regiões do país, sendo oito instituições públicas e uma privada. A Universidade Federal de Goiás apresenta a maior quantidade de autores e autoras vinculados a essa instituição (6), a Universidade Federal do Rio de Janeiro possui quatro autores e autoras vinculados e o Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará possui três autores e autoras com vínculo institucional.

Também é possível destacar que a autoria dos artigos é proveniente de todas as regiões brasileiras. Oito autores e autoras são pertencentes à região Sudeste, seis à região Centro-Oeste, cinco à região Nordeste, um à região norte e um à região sul. Esse fato evidencia que os estudos sobre as lutas indígenas na Educação Física estão dispostos, mesmo que em menor escala, devido à incipiência de estudos, em todas as regiões brasileiras. À vista disso, destacamos a importância de que mais estudos sejam desenvolvidos nas respectivas regiões e que as distintas realidades sociais, territoriais, culturais e econômicas sejam consideradas no



processo de produção de estudos e discussões sobre esse tema. A seguir, o gráfico 5 apresenta as revistas em que os artigos foram publicados.

Gráfico 5 – Revistas de publicação dos estudos



Fonte: construção dos autores.

A publicação dos artigos foi distribuída entre seis periódicos brasileiros. Esse dado aponta que ainda não há um processo de internacionalização da publicação de artigos cuja discussão esteja envolta sobre as lutas indígenas na Educação Física brasileira. Esse fato é importante, pois a internacionalização de trabalhos sobre esse fenômeno poderia dificultar que professores e professoras da educação básica ou superior encontrassem tais produções, uma vez que a publicação em língua estrangeira e o menor contato com periódicos internacionais poderia impactar negativamente no encontro de trabalhos sobre um tema tão específico e tão incipiente.

Das revistas analisadas, apenas a revista Corpoconsciência possui como área mãe a Educação Física. Oito artigos foram publicados em revistas cuja centralidade está na área da educação, abrangendo discussões mais amplas sobre os fenômenos educacionais. Esse dado é importante, pois demonstra que as discussões sobre as lutas indígenas na Educação Física possuem reflexões mais profundas sobre as nuances do campo educacional. Ao não ficarem presos às especificidades da Educação Física, os estudos publicados em periódicos de outras áreas podem contribuir para a propagação de conhecimentos nos distintos campos sociais, podendo atingir diversos grupos e indivíduos.



ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DAS LUTAS INDÍGENAS

Esta categoria é composta por seis artigos: Siqueira *et al.* (2023), Silva (2021), Sousa (2021), Souza (2020), Lima e Moura (2022), Lobo *et al.* (2023). Os artigos incluídos buscam apresentar possíveis estratégias para a tematização das lutas indígenas na Educação Física. O quadro 2 apresenta dados dos artigos.

Quadro 2 – Dados dos artigos

Autoria	Título	Objetivo	Principais Considerações
SIQUEIRA, Luana Torquato <i>et al.</i> (2023).	Experiências pedagógicas da Educação Física com as culturas africanas e indígenas	Evidenciar práticas pedagógicas realizadas nos ensinos fundamental e médio com foco no trato das culturas africanas e indígenas por meio da Educação Física escolar.	A tematização das lutas indígenas deve acontecer a partir da problematização dessas práticas em interface com sobre os processos sócio-históricos ligados aos aspectos políticos, sociais e econômicos. A partir da problematização das lutas corporais indígenas, os alunos e alunas puderam ampliar seus conhecimentos sobre esse fenômeno.
SILVA, Fabíolla Kattlheen Neves (2021)	As leis 10.639 e 11.645 e Educação Física escolar, um relato de ações do projeto de extensão lusco fusco: lutas na escola	Traçar relações entre a determinação por lei da presença obrigatória dos conteúdos Históricos Afro-brasileiros e Indígenas Educação Básica e a Educação Física escolar.	A autora destaca a importância das leis 10.639 E 11.645, pois elas transmitem maior segurança para a tematização das lutas indígenas, uma vez que por mais que haja resistência dos alunos e alunas, as leis justificam a presença dos temas Afro-brasileiros, Africanos e Indígenas na escola. A autoria também destaca que a tematização da Huka-Huka na escola deve acontecer de forma contextualizada, considerando todos os elementos socioculturais presentes nessa manifestação cultural, como rituais, simbologias, etc.
SOUSA, Daiane Araujo (2021)	O ensino de lutas corporais indígenas na Educação Física Escolar: um relato de experiência	Relatar uma experiência pedagógica sobre o ensino das lutas corporais indígenas na escola.	Os estudantes foram convidados a refletir sobre a importância das práticas corporais indígenas, conectando-as com a Lei nº 11.645/08, que trata da obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. Foram trabalhados os princípios e fundamentos básicos das lutas corporais indígenas,



			destacando seu caráter cultural, simbólico e histórico. Os alunos e alunas participaram de atividades práticas, simulando os movimentos, as posturas e as estratégias típicas das lutas indígenas. Durante a prática, a segurança foi priorizada, com adaptações que respeitaram o ambiente escolar e a integridade física dos estudantes, com ênfase nas suas regras, valores e propósitos.
SOUZA, Anna Carolina Carvalho (2020)	Questões étnico-raciais: problematizando o tema nas aulas de Educação Física	Problematizar as questões étnico-raciais nas aulas de Educação Física.	Dentre as atividades desenvolvidas, a autoria realizou a tematização e a contextualização de lutas indígenas, dando ênfase ao Huka-Huka. Pode-se afirmar que, com base no discurso dos estudantes ao final das atividades, os temas abordados provocaram reflexões sobre a importância e a urgência de valorizar a cultura negra e indígena no Brasil, além de reconhecer a possibilidade dessa valorização surgir por meio das aulas de Educação Física.
LIMA, George Almeida; MOURA, Diego Luz (2022)	Reflexões sobre o desenvolvimento da Huka-Huka nas aulas de Educação Física: uma revisão integrativa	Analisar a produção acadêmica sobre o ensino da Huka-Huka nas aulas de Educação Física	As aulas de Educação Física têm potencial para fomentar reflexões e debates sobre a Huka-Huka, sendo a interdisciplinaridade uma estratégia eficaz para ampliar o entendimento dos alunos acerca da cultura indígena.
LOBO, Pitias Alves <i>et al.</i> (2023)	As Lutas de Matrizes Indígenas e Africanas no CEPAE/UFG: um relato de experiência nos 4º anos do Ensino Fundamental	Relatar uma experiência pedagógica sobre o conteúdo "lutas de matrizes indígenas e africanas" com crianças do 4º ano do Ensino Fundamental,	A vivência das lutas indígenas possibilitou o conhecimento dos acontecimentos históricos emblemáticos vivenciados pelos povos indígenas, trazendo à tona não somente os registros iconográficos, mas todo o envoltório de sentimentos e emoções dos povos indígenas. A vivência das práticas corporais indígenas também possibilitou a experimentação de múltiplas formas de corporalidades.

Fonte: Construção dos autores.



Embora a vivência das lutas na Educação Física escolar seja alvo de tensionamentos e dicotomias que impactam negativamente na tematização dessas práticas, como baixa infraestrutura escolar, ausência de materiais e insegurança no ensino das lutas (Rufino; Darido, 2015), seu ensino tem sido alvo de debates que buscam apresentar procedimentos metodológicos para o ensino dessas práticas corporais. Dentre as estratégias disponíveis na literatura vigente, pode-se destacar os princípios condicionais, pautados na lógica interna das lutas, como contato proposital, simultaneidade de ataque/defesa, imprevisibilidade, alvo personificado e regras específicas (Gomes *et al.*, 2010), grupos situacionais, em que o ensino das lutas é desenvolvido mediante a distância dessas práticas (curta, média, longa e distância mista) (Rufino, 2012; Gomes *et al.*, 2010). Também se destacam as dimensões do conteúdo, que considera conhecimentos práticos, teóricos e atitudes a serem desenvolvidas pelos discentes (Rufino; Darido, 2015; Lima; Fabiani, 2023; Mariante Neto, Lima; Vasques, 2024).

O ensino das lutas também recebe influências da pedagogia do esporte, em que os jogos de oposição se configuram como estratégias para se desenvolver sua lógica interna e suas regras (Pereira *et al.*, 2017; Rufino; Darido, 2012). Lima *et al.* (2024) também destacam que as lutas podem ser tematizadas e problematizadas nas aulas de Educação Física de maneira crítica e dialógica, permitindo que todos os alunos e alunas façam uma leitura crítica do mundo em relação às práticas da cultura corporal brasileira, descolonizando o currículo e contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa e justa.

Ao analisarmos os dados encontrados nos artigos, não percebemos uma centralidade no ensino das especificidades dos movimentos corporais nem no desenvolvimento de competências e habilidades motoras ligadas a aptidão física. Os pontos de discussão estão centrados em uma abordagem crítica de ensino, considerando as culturas indígenas como recursos socioculturais fundamentais para a construção identitária brasileira.

Nesse sentido, podemos destacar que os trabalhos encontrados apresentam uma abordagem decolonial que busca romper com os padrões sociais hegemônicos pautados no colonialismo. A decolonialidade, segundo Quijano (2000), se constitui como uma resposta e uma forma de enfrentamento às desigualdades historicamente impostas pelos padrões hegemônicos estabelecidos durante o processo de colonização, ao qual grupos específicos foram alvo.

Sá (2022) constata que a perspectiva decolonial exige a reestruturação das práticas pedagógicas, do currículo, da formação docente e de toda a base epistemológica em que se



fundamentam. Adotar uma abordagem decolonial na Educação Física demanda o olhar crítico e reflexivo dos professores e professoras, um olhar capaz de revisitar e refletir continuamente sobre sua prática, evitando a reprodução de formas de dominação pautadas no colonialismo.

Todavia, tematizar as práticas indígenas com um fim em si mesmas não é, necessariamente, um recurso decolonial, pois faz-se necessária a problematização e a reflexão crítica sobre os processos sociais e políticos e as relações de poder entre os grupos indígenas e os colonizadores, a fim de que o olhar discente seja “calibrado” para uma perspectiva crítica, reflexiva e emancipatória. Os dados encontrados nos artigos permitem essa leitura. Siqueira *et al.* (2023) considera que a tematização das lutas indígenas deve considerar os processos sócio-históricos das diferentes etnias e povos indígenas. Sousa (2021) destaca a importância de se compreender as simbologias e as historicidades dos povos indígenas. Lobo *et al.* (2023) defende que as discussões sobre as lutas indígenas na Educação Física escolar devem considerar o envoltório de sentimentos e emoções dos povos indígenas.

Lima e Moura (2022) constata que a interdisciplinaridade é uma estratégia eficaz para ampliar o entendimento dos alunos acerca da cultura indígena. Nesse sentido, não basta tematizar as lutas indígenas, especificamente, com base nos movimentos corporais ou na sua historicidade, é necessária a interlocução e a contextualização entre esses elementos, para que esse fenômeno possa ser compreendido em sua totalidade. Na esteira dessa discussão, Silva (2021) reconhece a importância das leis 10.639 e 11.645, pois elas possibilitam maior segurança aos professores e professoras para a tematização das lutas indígenas. Dessa forma, as leis 10.639 e 11.645 apresentam subsídios para que os docentes possam desenvolver práticas pedagógicas descolonizadas, contribuindo para a promoção do acesso aos múltiplos saberes construídos pelos povos originários, possibilitando o desenvolvimento de novas relações étnico-raciais.

PRESENÇA DAS LUTAS INDÍGENAS NA ESCOLA

Esta categoria é composta por três artigos: Pereira; Souza (2021); Mocarzel; Cardias-Gomes e Costa (2023); Santana (2023). Os artigos apresentam discussões sobre a presença/ausência das lutas indígenas na Educação Física, apontando elementos que podem impactar positivamente ou negativamente a tematização dessa prática corporal. O quadro 3 apresenta dados dos artigos.

**Quadro 3 – Dados dos artigos**

Autoria	Título	Objetivo	Principais Considerações
PEREIRA, Arlene Stephanie Menezes; SOUZA, Symon Tiago Brandão (2021)	Lutas corporais indígenas: um estudo com professores de Educação Física do município de Fortaleza–CE	Realizar uma pesquisa com professores de Educação Física da rede municipal de educação pública de Fortaleza, CE para compreender a tematização das lutas corporais indígenas em suas aulas.	Na pesquisa, foi constatado que 80% dos professores não trabalhavam a temática pela falta de formação inicial e continuada, denotando o desconhecimento dos professores sobre a temática e a privação do conhecimento dos alunos sobre as práticas corporais dos povos indígenas.
MOCARZEL, Rafael Carvalho; CARDIAS-GOMES, Fabio José; COSTA, Paulo Ricardo Gayer Pereira (2023)	Reflexões e discussões sobre as Lutas segundo a Base Nacional Comum Curricular.	Analisar os blocos dos conteúdos de lutas propostos pela BNCC.	A autoria destaca que há uma desvalorização das práticas corporais de luta indígena na Educação Física escolar e a BNCC apresenta lacunas para a tematização dessas práticas nas aulas de Educação Física. Também se destaca a influência dos não-indígenas na construção das práticas corporais indígenas, como a Huka-Huka, cujos pressupostos teóricos e conceituais foram apresentados por estudos antropológicos de não-indígenas. Dessa forma, faz-se necessário refletir com criticidade sobre a tematização das lutas corporais indígenas na escola.
SANTINA, Lucas Della (2023)	Base nacional comum curricular como aliada para o ensino das lutas no ambiente escolar	Analisar as publicações de artigos referentes à Base Nacional Comum Curricular como um facilitador do ensino das lutas na Educação Física no ambiente escolar	A BNCC contribuiu positivamente para a tematização das lutas na Educação Física escolar, especificamente sobre as lutas indígenas, que não eram mencionadas em outros documentos norteadores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais. Dessa forma, ao apresentar as lutas indígenas como práticas corporais a serem tematizadas na Educação Física, a BNCC apresenta possibilidades para a inserção dessas práticas no cotidiano escolar.

Fonte: Construção dos autores.

Dos três artigos encontrados, apenas Pereira e Souza (2021) desenvolveram um estudo com dados empíricos, em que aplicaram questionários a 72 professores e professoras da rede municipal de ensino de Fortaleza, capital do estado do Ceará. Os dados apontaram que 80% dos docentes não tematizam as lutas indígenas nas aulas de Educação Física. Fatores como ausência de discussões sobre as lutas indígenas no currículo do ensino superior e a falta de abordagens que tratem, especificamente, das lutas indígenas enquanto *lócus* de estudo são



os principais empecilhos para o trabalho docente. As problemáticas sobre a tematização das lutas na escola não estão ligadas apenas às lutas indígenas. De maneira geral, o ensino das lutas na escola está envolto por tensionamentos que envolvem a *déficits* na formação docente, ausência de materiais e espaços específicos, falta de interesse discente, falta de apoio da gestão escolar, etc. (Lima, 2021; Moura *et al.*, 2019; Rufino; Darido, 2015).

Todavia, Silva *et al.* (2024) destacam que o ensino das lutas indígenas possui uma peculiaridade: as culturas indígenas passam por um processo de desvalorização, em que os saberes produzidos pelos povos originários são invisibilizados pela política educacional vigente. Com efeito comparativo, as lutas indígenas sequer são mencionadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1998), e as disciplinas que poderiam tematizar os saberes indígenas são constantes alvos de reformas curriculares, tendo sua carga-horária reduzida e até extinta, como as disciplinas de Arte, Educação Física, História, Filosofia e Sociologia.

Desse modo, faz-se necessária a valorização dessas disciplinas e um maior enfoque nas lutas indígenas. Segundo Pereira e Souza (2021), as ações sobre temáticas indígenas são desenvolvidas, em larga escala, a partir de ações pontuais realizadas pelas escolas e docentes em datas comemorativas, como, por exemplo, o 'Dia do Índio'. Essas ações acabam sendo superficiais e ainda fortemente vinculadas ao colonialismo, resultando na desvalorização das culturas indígenas, que, muitas vezes, é tratada de forma folclórica e sem o devido material específico para esse fim. Nesse sentido, faz-se necessário o desenvolvimento de conhecimentos que conduzam os professores e professoras a desenvolverem competências para a tematização das lutas indígenas na Educação Física.

Com efeito comparativo, Teles *et al.* (2024) realizaram um estudo com 48 professores e professoras de Educação Física do ensino básico da rede estadual do Ceará, com o objetivo de compreender as percepções docentes sobre o ensino do jiu-jitsu na Educação Física escolar. A autoria destaca que *déficits* no desenvolvimento dos saberes experienciais representam um fator importante para a ausência de tematização do jiu-jitsu nas aulas de Educação Física. Com reforço, Farias *et al.* (2018) inferem que os saberes experienciais têm um impacto significativo na construção da identidade do professor, pois ele adquire competências para desenvolver sua práxis pedagógica. Embora os saberes experiências sejam recursos fundamentais para o desenvolvimento docente, Martiny e Gomes-da-Silva (2014) apontam que as intervenções pedagógicas docentes devem considerar os diversos saberes docentes, como: saberes de referência, conteúdos a ensinar, teorias educacionais, saberes necessários para



ensinar, lacunas no conhecimento docente, conflitos percebidos, reflexões verbalizadas e estratégias pedagógicas. A partir do exposto, podemos inferir que a vivência dos movimentos e das técnicas ligadas as lutas indígenas, deve ser um recurso vivenciado na formação inicial e continuada dos professores e professores, fortalecendo sua práxis pedagógica e dando-lhes maior segurança em trabalhar com essas temáticas.

Pereira e Souza (2021) afirmam que a formação docente, tanto inicial quanto continuada, deve abordar, de maneira efetiva, as questões previstas pela Lei nº 11.645, para que os professores de Educação Física compreendam a importância da diversidade étnica, evitando, assim, que continuem a privar os alunos e alunas desse conhecimento. Mocarzel, Cardias-Gomes e Costa (2023) destacam a desvalorização das lutas indígenas na Educação Física e nos documentos norteadores da educação brasileira. De acordo com Rufino (2022), a BNCC contém 10 parágrafos dedicados a discussões sobre o esporte, enquanto apenas um parágrafo aborda as lutas no contexto da Educação Física escolar. A ênfase no esporte reforça a relevância desse tema na escola, ao mesmo tempo em que marginaliza outras práticas corporais, como as lutas indígenas.

Essa desvalorização é materializada nas aulas de Educação Física. Virgílio *et al.* (2014) realizaram um relato de experiência com alunos da rede municipal de Curitiba/PR, cujas práticas corporais tematizadas foram as lutas indígenas. A autoria apresenta que a aceitação inicial dos alunos e alunas foi baixa, pois os conhecimentos relacionados às culturas indígenas eram superficiais e dotados de estereótipos. Todavia, com o avanço na tematização dos conteúdos, os discentes aumentaram gradativamente sua participação nas aulas. Nesta seara, Pereira *et al.* (2019) evidenciam que a cultura europeia impacta, em larga escala, na construção de conhecimentos nas escolas brasileiras, fato que requer a criação de leis que buscam garantir o desenvolvimento de conhecimentos provenientes das culturas indígenas e de matriz africana. Nessa disputa de poder, as culturas indígenas ainda sofrem estigmas.

Embora a promulgação das leis nº 10.639/03 (Brasil, 2003) e nº 11.645/08 (Brasil, 2008), tenha modificado a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando obrigatória a inclusão das temáticas de História e da Cultura Afro-Brasileira e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo da educação básica brasileira (Pereira *et al.*, (2019), esses saberes ainda são alvo de tensionamentos. Mocarzel, Cardias-Gomes e Costa (2023) ressaltam que os saberes provenientes das culturas indígenas sofrem influência de pessoas e grupos não-indígenas, fato que pode contribuir para o desenvolvimento de percepções





estigmatizantes sobre esses saberes, uma vez que as narrativas indígenas são construídas, em muitos casos, por grupos cuja base epistemológica se concentra em pressupostos colonizadores. Nesse sentido, faz-se necessário dar voz e espaço para que indivíduos e grupos indígenas possam expressar suas percepções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo refletir sobre a tematização das lutas indígenas na Educação Física escolar. Os dados evidenciam que há uma baixa produção de artigos e que eles foram produzidos no período de 2020 a 2023. Também foi possível observar que não há uma grande variabilidade de recursos metodológicos para a construção dos trabalhos, se restringindo a relatos de experiência, revisões da literatura. Apenas um artigo foi construído a partir de dados empíricos, a partir da aplicação de questionários.

Destacamos que as lutas indígenas ainda são uma temática com pouca presença nas aulas de Educação Física. Embora o currículo da Educação Física seja alvo de debates e reflexões ligadas a busca pela decolonização das práticas corporais, que buscam inserir práticas tais como Huka-Huka, Idjassu, Derruba Toco, Ikatú e a Luta Marajoara, aspectos como *déficits* na formação docente se apresentam como o principal desafio a ser superado, uma vez que a construção curricular e a formação docente estão pautadas, em larga escala, a pressupostos teóricos de cunho colonial. Dessa forma, é urgente a necessidade de uma formação docente que considere as relações étnico-raciais e as leis 10.639 e 11.645, para que a presença das culturas de matriz indígena e africana possa ter maior ênfase no campo educacional.

Outrossim, os dados também permitem destacar que a tematização das lutas indígenas na Educação Física não deve ser desenvolvida com um fim em si mesma, se restringindo especificamente a movimentos corporais ou a discussões unilaterais. A tematização dessas práticas deve acontecer de forma contextualizada, considerando aspectos políticos, culturais, sociais, territoriais e econômicos em interface com as culturas indígenas, fundamentais para o fomento de práticas decoloniais no currículo escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.





BRASIL, **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 24 nov. 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

FARIAS, Gelcemar Oliveira *et al.* Ciclos da trajetória profissional na carreira docente em Educação Física. **Movimento**, v. 24, n. 2, p. 441-454, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Mariana Simões Pimentel *et al.* Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**, v. 16, n. 2, p. 207-227, 2010.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2000.

LIMA, George Almeida; MILLEN NETO, Álvaro Rego. A luta marajoara e os processos de esportivização e de curricularização: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Cocar**, v. 16, n. 34, p. 1-20, 2022.

LIMA, George Almeida. Ensino das lutas na escola: um estudo com professores de Educação Física da cidade de Campos Sales/CE. **Temas em educação física escolar**, v. 6, n. 1, p. 71-86, 2021.

LIMA, George Almeida; MOURA, Diego Luz. Reflexões sobre o desenvolvimento da Huka-Huka nas aulas de Educação Física: uma revisão integrativa. **Revista prática docente**, v. 7, n. 1, p. e019-e019, 2022.

LIMA, George Almeida; FABIANI, Débora Jaqueline Farias. Reflexões sobre o ensino das lutas na escola a partir das dimensões do conteúdo: uma revisão integrativa. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1-18, 2023.

LIMA, George Almeida *et al.* Tematização da luta marajoara nas aulas de Educação Física escolar: indícios de uma pedagogia crítica. **Cadernos do Aplicação**, v. 36, p. 1-9, 2023.

LOBO, Pitias Alves *et al.* As Lutas de matrizes indígenas e africanas no CEPAE/UFG: um relato de experiência nos 4º anos do Ensino Fundamental. **Cadernos do Aplicação**, v. 36, p. 1-9, 2023.



MARIANTE NETO, Flávio Py; LIMA, George Almeida; VASQUES, Daniel Giordani. O ensino de lutas na escola e a dimensão atitudinal: uma revisão sistemática. **Corpoconsciência**, v. 28, p. 1-20, 2024.

MARTINY, Luis Eugênio; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. A transposição didática na Educação Física escolar: o caminho formativo dos professores em formação inicial. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, v. 95, p. 175-196, 2014.

MATOS, Juliana Martins Cassani *et al.* Conteúdos de ensino da Educação Física escolar: saberes compartilhados nas narrativas docentes. **Revista da educação física/UEM**, v. 26, n. 2, p. 181-199, 2015.

MOCARZEL, Rafael Carvalho; CARDIAS-GOMES, Fabio José; COSTA, Paulo Ricardo Gayer Pereira. Reflexões e discussões sobre as Lutas segundo a Base Nacional Comum Curricular. **Cadernos do Aplicação**, v. 36, p. 1-18, 2023.

MOURA, Diego Luz *et al.* O ensino de lutas na Educação Física escolar: uma revisão sistemática da literatura. **Pensar a prática**, v. 22, p. 1-11, 2019.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista praxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; SOUZA, Symon Tiago Brandão. Lutas corporais indígenas: um estudo com professores de Educação Física do município de Fortaleza – CE. **Corpoconsciência**, v. 25, n. 3, p. 34-48, 2021.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes *et al.* Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de educação física: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza/CE. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 41, n. 4, p. 412-418, 2019. DOI:

PEREIRA, Marcos Paulo Vaz de Campos *et al.* Lutas na escola: sistematização do conteúdo por meio da rede dos jogos de lutas. **Conexões**, v. 15, n. 3, p. 338-348, 2017.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. **A pedagogia das lutas**: caminhos e possibilidades. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2012.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. A tematização das lutas nas aulas de Educação Física: uma análise a partir dos avanços e retrocessos da BNCC. **Olhar de professor**, v. 25, p. 1-20, 2022.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. O ensino das lutas nas aulas de educação física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. **Revista da educação física/UEM**, v. 26, p. 505-518, 2015.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. **O ensino das lutas na escola**: possibilidades para a educação física. Porto Alegre, RS: Penso, 2015.





RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 26, n. 2, 283-300, 2012.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. Trabalho e consumo, mídia e lutas: construção, implementação e avaliação de um vídeo educativo nas aulas de Educação Física. **Corpoconsciência**, v. 20, n. 3, p. 77-91, 2016.

SÁ, André Luiz das Graças. Decolonizando a cultura corporal: algumas reflexões e proposições. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, p. 1-16, 2022.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian journal of physical therapy**, v. 11, p. 83-89, 2007.

SANTINA, Lucas Della. A base nacional comum curricular como aliada para o ensino das lutas no ambiente escolar. **Revista didática sistêmica**, v. 25, n. 1, p. 112-119, 2023.

SILVA, Maria Luciléia Gonçalves *et al.* Unidades curriculares eletivas do ensino médio cearense na área de linguagens: reflexões sobre o apagamento das culturas indígenas. **Colloquium humanarum**, v. 1, p. 1-15, 2024.

SILVA, Fabíolla Kattlheen Neves. As leis 10.639 e 11.645 e Educação Física escolar, um relato de ações do projeto de extensão lusco fusco: lutas na escola. **Temas em educação física escolar**, v. 6, n. 3, p. 1-15, 2021.

SIQUEIRA, Luana Torquato *et al.* Experiências pedagógicas da educação física com as culturas africanas e indígenas. **Temas em educação física escolar**, v. 8, n. 1, p. 1-16, 2023.

SOUSA, Daiane Araujo. O ensino de lutas corporais indígenas na Educação Física Escolar: um relato de experiência. **Ensino em perspectivas**, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021.

SOUZA, Anna Carolina Carvalho. Questões étnico-raciais: problematizando o tema nas aulas de Educação Física. **Temas em educação física escolar**, v. 4, n. 2, p. 132-141, 2020.

TELES, Luanny Jhannyffer Araujo *et al.* Percepções docentes sobre o ensino do jiu-jitsu nas aulas de Educação Física escolar. **Conexões**, v. 22, p. 1-20, 2024.

VIRGILIO, Camila da Silva *et al.* A pluralidade cultural das lutas indígenas na escola. In: SEMINÁRIO ESTADUAL DO PIBID DO PARANÁ, 2. **Anais...** 2014. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/items/2125d52d-d4b5-4fe0-8669-30d33fee4a9d>> Acesso em: 25 nov. 2024.

Dados do primeiro autor:

Email: george_almeida.lima@hotmail.com

Endereço: Avenida Francisco Ademar de Andrade, 273, Campos Sales, Ceará, CEP: 63150-000, Brasil.





Recebido em: 05/12/2024

Aprovado em: 26/02/2025

Como citar este artigo:

LIMA, George Almeida; MARIANTE NETO, Flávio Py; RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. Reflexões sobre a tematização das lutas indígenas na educação física escolar: uma revisão sistemática.

Corpoconsciência, v. 29, e.18805, p. 1-23, 2025.